

A representação do Ritual Romano de Exorcismos no Filme O Exorcista (1973)

Solange Ramos de Andrade¹
Michel Bossone²

Resumo: Neste artigo objetivamos analisar de que maneira o Ritual Romano de Exorcismos (1952) foi representado no filme O Exorcista (1973), isto é, como o cinema se apropria das diretrizes oficiais da Igreja católica na década de 1970. Como fundamento teórico, utilizamos os conceitos de apropriação e representação, elaborados por Roger Chartier (1990, 2002). Nossas reflexões serão elaboradas por meio da pesquisa descritiva, tendo como foco principal o exorcismo de Reagan MacNeil (Linda Blair), realizado pelos padres jesuítas Lankester Merrin (Max von Sydow) e Damien Karras (Jason Miller). Acreditamos, em função da popularização dos filmes norte-americanos representando rituais católicos de exorcismo, como o supracitado filme, que a principal imagem que o Ocidente do século XX construiu sobre o que vem a ser um exorcista, ficou a cargo da figura do padre.

Palavras-chave: Filme de terror, história das religiões, exorcismos.

The representation of the Roman Ritual of Exorcism in The Exorcist (1973)

Abstract: In this article we aim to analyze how the Roman Ritual of Exorcism (1952) was represented in the film The Exorcist (1973), in other words, as the cinematography appropriates the official guidelines of the Catholic Church in the 1970s. As a theoretical framework, we used the concepts of appropriation and representation, prepared by Roger Chartier (1990, 2002). Our reflections will be developed through descriptive research, focusing mainly on the exorcism of Reagan MacNeil (Linda Blair), conducted by the Jesuit priests Lankester Merrin (Max von Sydow) and Damien Karras (Jason Miller). We believe, depending on the popularity of American films representing Catholic rituals of exorcism, as the above film, that the main image that the West Twentieth Century built on what turns out to be an exorcista, was borne by the figure of the priest.

Keywords: Horror movie, history of religions, exorcisms.

Recebido em 30/06/2014 - Aprovado em 19/08/2014

¹ Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá - UEM - Maringá -PR, Doutora em História, bolsista Produtividade da Fundação Araucária – PR. E-mail: sramosdeandrade@gmail.com

² Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá na linha de Instituições e História das Ideias sob orientação da Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade. E-mail: michelbossone@gmail.com

Introdução

Desde suas origens, o cristianismo alimentou a crença na possessão demoníaca e nos exorcismos, tendo em seu fundador, Jesus Cristo, o primeiro exorcista. A partir da tradição sinótica¹, o exorcismo construiu uma longa história dentro do cristianismo, especialmente entre os católicos. Os conceitos de possessão e esconjuração de espíritos não são exclusividades do cristianismo², mas em função da popularização dos filmes norte-americanos representando rituais católicos de exorcismo, como o clássico do terror *O Exorcista* (William Peter Blatty; William Friedkin, 1973) e o seu legado, acreditamos que a principal imagem que o Ocidente do século XX construiu sobre o que vem a ser um exorcista ficou a cargo da figura do padre.

A palavra *exorcismo* vem do grego *exorkízein*, um composto de *ex* (para fora) mais *horkízein* (forçar um juramento ou ligar por juramento), considerando que em grego a palavra algumas vezes é usada simplesmente como uma forma mais intensiva de sua origem, que significa “esconjuro” (JONES, 2005)³. Os exorcismos representam a terapêutica direta e exclusiva sobre a possessão demoníaca: “em seu significado usual e técnico da palavra são esconjuros, isto é, pedidos insistentes, ou melhor, ordens dirigidas em nome de Deus ao demônio para que (este) desista de exercer uma influência maléfica sobre um lugar, sobre uma determinada pessoa ou coisa” (BALDUCCI, 1974, p.111).

O conceito cristão de exorcismo está diretamente ligado ao de “possessão demoníaca⁴”, isto é, à ideia de que uma pessoa possa ser “temporariamente substituída” por um espírito demoníaco (ou até mais de um), e ser dominada de forma despótica,

¹ Dos quatro livros canônicos que revelam a “Boa Nova” (sentido do termo “evangelho”) de Jesus Cristo no Novo Testamento, os três primeiros (Mateus, Marcos e Lucas) apresentam entre si semelhanças que podem ser colocadas em colunas paralelas, e abarcadas “de uma só vez”, por isso o nome “Sinóticos” (A BIBLIA DE JERUSALÉM – Editora Paulus, 2013, p.1689). Os exorcismos realizados por Jesus Cristo estão presentes apenas nos evangelhos sinóticos, isto é, não são mencionados no evangelho de João. O termo “tradição sinótica” é usado por Irineu J. Rabuske (2001) para se referir ao testemunho dado por estes três evangelhos, e a tradição construída por eles dentro do cristianismo.

² Segundo Irineu J Rabuske “a história comparada das religiões já há algum tempo constatou que a crença em espíritos bons e maus, bem como na possibilidade de esses espíritos exercerem influência direta ou indireta na vida e no destino das pessoas, é um fato praticamente universal” (2001, p.12). Tenney (2008) ressalta que o conceito de possessão por um deus ou espírito maligno é antigo, podendo ser constatado entre culturas como a dos babilônios, dos egípcios e dos gregos, no qual várias doenças e estados de loucura eram atribuídos a esse fenômeno. Em nosso artigo, não temos a intenção de refazer este caminho histórico ou conceitual, portanto, sempre que falarmos em “possessão demoníaca” ou “exorcismos”, estaremos nos referindo ao campo religioso do catolicismo romano ocidental.

³ “EXORCISM. The English word exorcism derives from the Greek *exorkizein*, a compound of *ex* (out) plus *horkizein* (to cause to swear, or to bind by an oath). Whereas in Greek the word sometimes is used simply as a more intensive form of the root, meaning ‘to adjure.’” (JONES, p.2927, 2005). Tanto “Exorcism”, em inglês, quanto “Exorcismo”, em português, derivam do grego *exorkísmós*. Acreditamos que Lindsay Jones (2005) buscou a origem mais arcaica da palavra, por isso traz o grego *Exorkízein*, diferente do grego atual, que usa o termo *exorkísmós* (ἐξορκισμός). A maioria das traduções recorre ao termo *exorkísmós*, e trazem no seu significado o equivalente à um “ato de fazer jurar”, no sentido de “proferir imprecizações”.

⁴ A maioria dos padres que escreve sobre possessão demoníaca prefere utilizar do termo “possessão diabólica”. Tanto o termo “demoníaco”, quanto “diabólico”, dentro do conceito cristão de posse, se refere ao “mundo do diabo”, isto é, à Lúcifer e seus anjos.

violenta e brutal, sendo coagida a agir e a obedecer às vontades deste espírito, sem que ela possa resistir (BAMONTE, 2006). O conceito de possessão demoníaca é complexo, e possui uma série de vertentes explicativas que se baseiam em conceitos teológicos, patológicos, psicológicos, parapsicológicos e culturais, construídos conforme as visões de seus respectivos tempos.

A investigação que pode levar a um exorcismo começa, geralmente, quando o comportamento de uma pessoa ou ocasionalmente de uma criança é levado - por meio dos envolvidos com essa pessoa - ao conhecimento das autoridades da Igreja (MARTIN, 1976). O clérigo⁵ que se encarrega de praticar um exorcismo é chamado de “exorcista”, este, preferencialmente deve ser alguém que já participou de um exorcismo como ajudante, ou que possua um pouco de conhecimento sobre o assunto, entretanto, em caso de emergência, qualquer sacerdote, devidamente autorizado pelo bispo, pode exercer essa função.

Quando um caso de possessão é comunicado às autoridades diocesanas, é trazido o exorcista da diocese, se não houver nenhum, é nomeado ou trazido um homem de outra diocese (MARTIN, 1976)⁶. Os exorcismos podem ser realizados de duas maneiras: de forma particular, privada e simples, ou de forma oficial, solene e pública⁷. A primeira consiste em orações e súplicas a Deus para que liberte uma pessoa atormentada pelo “mal”, podendo ser feita por um leigo ou um sacerdote, a segunda constitui uma celebração, proclamada por meio de ritos e orações - que só podem ser feitas por um bispo ou um sacerdote por ele delegado - no qual são feitas intimidações e ordenações em nome de Jesus Cristo para que o demônio deixe o corpo de uma pessoa⁸. O ritual de exorcismos oficial ou solene é chamado de “Exorcismo maior”, e suas fórmulas estão presentes nos exemplares do *Rituale Romanum*⁹, objeto que trataremos com mais assiduidade nos parágrafos posteriores.

⁵ Este clérigo pode ser um padre, um bispo ou até o próprio papa. Segundo José María Zavala (2000), João Paulo II (1978 – 2005) foi o primeiro Papa em quase 400 anos a enfrentar o Diabo, quando em 1982, no início do seu pontificado, exorcizou uma jovem em sua capela privada no Vaticano. Gabriele Amorth destaca também, que a história da Igreja está repleta de santos que expulsaram demônios sem serem exorcistas, como “São Paulo da Cruz, Santa Catarina de Sena, Santa Gemma Galgani, São João Bosco, Santo Padre Pio... só para citar alguns nomes de diferentes épocas” (AMORTH, 2010, p.20).

⁶ Segundo Malachi Martin, “antigamente, para cada diocese da Igreja, um sacerdote era designado para a função de exorcista. Nos tempos modernos, esta prática caiu em desuso, principalmente porque a incidência de possessões comunicadas diminuiu durante os últimos cem anos” (1976, p.19-21).

⁷ Oficial: pautado pela autoridade da Igreja; Solene: feito com todos os requisitos necessários para ser legal. Público: Que serve para uso de todos.

⁸ Adaptado de: (BALDUCCI, 1974, p.112); (HUBER, G. “Exorcismo” in: BORRIELLO et al. *Dicionário de Mística*. Tradução de Benôni Lemos... et al.; São Paulo: Paulus, Edições Loyola, 2003, p.398). Em suma, o exorcismo privado é deprecativo, ou seja, se roga a Deus, enquanto o solene (que também possui fórmulas deprecativas) é imperativo, isto é, se ordena diretamente ao demônio, em nome de Jesus Cristo, para que ele saia do corpo ou pare de manipular uma pessoa.

⁹ Do latim “Ritual Romano”. O *Rituale Romanum* era um livro litúrgico no qual se encontravam todos os rituais normalmente administrados pelo padre (DUNWICH, Gerina. *Guia das Bruxas sobre fantasmas e o sobrenatural*. Tradução de Fabio Assunção Lombardi Rezende; São Paulo: Madras, 2003). As primeiras edições do *Rituale Romanum* (século XVII) estão em conformidade com as decisões tomadas pelo concílio de Trento (1545 – 1563).

Atualmente, a Igreja Católica vê a possessão demoníaca como um fenômeno cada vez mais raro, embora ainda defenda a crença na existência e na intervenção dos espíritos demoníacos no mundo. Na Igreja Católica, clérigos, religiosos e leigos divergem sobre o assunto, e de fato, não há um consenso sobre isso. Com o avanço das ciências médicas em geral, o assunto tem se retraído cada vez mais para o campo da teologia, mas nunca deixou de ser tratado, ora com maior, ora com menor intensidade, conforme a influência das práticas e das ideias em suas respectivas épocas.

Nesse sentido, acreditamos que *O Exorxista* foi um dos objetos mais influentes no desencadeamento do interesse pelos estudos da demonologia católica no século XX a partir de 1973. Por meio dos conceitos aqui apresentados, de uma escrita da história baseada na relação entre história e filme de terror, procuraremos analisar alguns conteúdos do filme *O Exorxista*, conforme a delimitação do tópico a seguir.

Delimitação teórico-metodológica

A relação entre o cinema¹⁰ e a história é longínqua: inicia-se nas primeiras décadas do século XX, quando o cinema começa a representar, de diversas maneiras, temas ou ambientes históricos. Na história, o cinema começa a ser percebido enquanto um documento em meados da década de 1960, graças ao pioneirismo e à persistência de historiadores como Marc Ferro, que contribuiu significativamente para a introdução do cinema na escrita da história.

Com a abertura teórico-metodológica por parte da Nova História¹¹ francesa, o cinema foi incorporado de uma forma mais incisiva pela historiografia, e passou a integrar paulatinamente as mais variadas dimensões, abordagens e domínios. Atualmente, o cinema – incluindo todo o imenso conjunto de obras cinematográficas que já foram produzidas e também as práticas e os discursos que sobre ela se estabeleceram – pode ser considerado como uma fonte primordial e inesgotável para o trabalho historiográfico, dele, os historiadores podem apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX e da contemporaneidade (BARROS, 2012).

Em nosso texto, privilegiamos a relação entre “história e filme de terror”, adotando a abordagem do cinema enquanto representação da história, perspectiva apresentada ou utilizada por autores como José d’Assunção Barros, Eduardo Morettin, Alcides Ramos e Carlos Napolitano. Acreditamos que esta abordagem pode ser operacionalizada em consonância com as dimensões da história cultural à disposição elaborada por Roger Chartier (1990), que procura fazer uma análise histórica por meio dos processos e das construções da história, remetendo para as suas determinações

¹⁰ Aqui o termo “cinema” e “filme” serão usados como sinônimos.

¹¹ Do francês “*Nouvelle histoire*”, é uma corrente historiográfica provinda da chamada “terceira geração dos *Annales*”, constituídas por historiadores como Jacques Le Goff, Marc Ferro, Le Roy Ladourie, Pierre Nora, entre outros. É intensificado o olhar do historiador sobre seu próprio discurso, o próprio fazer historiográfico passa a ser um objeto privilegiado de estudo, e a principal das preocupações historiográficas parece se deslocar para o âmbito da cultura, de modo que a História Cultural passa a ocupar uma posição central no grande cenário das modalidades historiográficas (BARROS, José D’Assunção. *Teoria da História: V. A Escola dos Annales e a Nova história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 303-306).

fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) para as suas representações e para as práticas que estas produzem.

O tema da nossa pesquisa pressupõe o diálogo interdisciplinar entre diversos campos das ciências humanas, tendo como ponto norteador, algumas concepções da história cultural francesa. A história cultural, tal como entende Roger Chartier, “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p.17). Para pensarmos as representações do ritual romano de exorcismos em *O Exorcista*, trabalharemos com as noções de “apropriação e representação”, partindo do postulado de que o cinema é uma prática cultural, e de que o conteúdo fílmico tem a capacidade de construir lugares, instituir práticas e transmitir ideias.

Pensar práticas instituídas no cinema nos possibilita fazer uma história social dos usos e das interpretações, isto é, o que se poderia caracterizar-se como uma “história das representações no cinema”, ou até mesmo uma “história das ideias religiosas no cinema”, no qual, ao dar atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção do sentido, se reconhece que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e que as categorias devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias histórica (CHARTIER, 2002).

Para Michel de Certeau o surgimento da mídia provocou uma reviravolta no terreno onde se desenvolviam as crenças, resultando em uma mutação nos paradigmas do saber, no qual “a invisibilidade do real, postulado antigo, cedeu o lugar à sua visibilidade”, isto é, a localização derradeira do crer passou para o ver, e a cena sociocultural da modernidade passou a definir o seu referente social por sua visibilidade e, portanto, por sua representatividade científica ou política (CERTEAU, 2003, p.287-289).

Com base nesse novo postulado (que crê que o real é visível) os simulacros do século XX são fabricados, camuflados em fatos, dados e acontecimentos, cujas representações articulam saberes, ideias e práticas, ditando aquilo que se deve crer, aquilo que se deve fazer, fornecendo assim, o meio de produzir crentes praticantes (CERTEAU, 2003).

Um filme se caracteriza enquanto um simulacro fabricado (à maneira de Certeau, 2003), pois tem a pretensão de presentificar uma realidade, falar em nome de fatos e assumir como referencial a semelhança que produz. Se pensarmos a maneira como um filme é construído, veremos que o seu conteúdo nasce da apropriação de uma determinada ideia de realidade (social, cultural ou epistemológica) que é retrabalhada, reescrita e repensada por meio de uma ficção, que apesar de ser construída em prol de uma indústria do entretenimento, é recebida muitas vezes pelo público como o próprio discurso do real, isto é, como a referência (encenada, simulada) visível da realidade (CERTEAU, 2003; CHARTIER, 1990).

O Exorcista ficcionaliza uma realidade (CERTEAU, 2003) ao se apropriar de conceitos como “exorcismo” e “posseção demoníaca”, e os representar no contexto cultural dos Estados Unidos na década de 1970, dando origem a uma outra realidade, construindo uma visão própria do mundo, instituindo práticas e maneiras de ver que se

tornaram um referencial visível para a compreensão do fenômeno das possessões demoníacas e a sua terapêutica no século XX.

Em nossa análise, fazemos o uso de ferramentas qualitativas por meio da pesquisa descritiva, tendo no processo e nos significados da construção da história, por meio do filme, o foco principal. Dessa maneira, buscamos identificar os elementos narrativos do filme com base em uma espécie de “descrição densa” de seus elementos narrativos básicos: o plano e as seqüências¹². (NAPOLITANO, 2008, p.274).

A seqüência selecionada para a nossa análise vai do momento em que os padres Merrin e Karras entram no quarto de Reagan para iniciar o ritual de exorcismo (BLATTY, 1974, P.355)¹³, até o instante em que o demônio é controlado temporariamente, e os padres saem exaustos do quarto para descansarem um pouco (BLATTY, 1974, P.362).

O documento utilizado em consonância com o filme será o *Rituale Romanum* da Editio typica de 1952 em latim, publicado em 2008 sob a direção de M. Sodi e A. Toniolo, e o *Rituale Romanum* (The Roman Ritual), versão traduzida do latim para o inglês publicada em 1964 por Philip T. Weller¹⁴, que utilizou como base para sua tradução a edição de 1952 do *Rituale Romanum* e era a versão oficial da Igreja Católica nos Estados Unidos¹⁵. Utilizando a versão em inglês (*The Roman Ritual*) e a versão em latim (*Rituale Romanum*) do Ritual Romano de Exorcismos, procuraremos fazer uma “manobra de tradução”, isto é, faremos uma leitura comparativa entre as representações do ritual romano de exorcismo por parte do padre Merrin e do padre Karras com as instruções no *Rituale Romanum* em inglês (*The Roman Ritual*¹⁶), para depois, compará-las com a versão

¹² Para Napolitano, as unidades básicas do filme, ficção ou documentário, são o plano e a seqüência: “o plano é o quadro, o enquadramento contínuo da câmera, situado entre um corte e outro. A seqüência é a junção de vários planos que se articulam, por meio da montagem/edição, por alguma contiguidade cênica ou narrativa (nem sempre linear)” (2008, p.274).

¹³ A referência feita a Blatty diz respeito ao roteiro oficial do filme, presente no livro “William Peter Blatty on The Exorcist from novel to film”, 1974 (vide em referências) no qual o autor conta todo o processo da produção do filme, desde quando teve a ideia de escrever o livro, até a exibição nos cinemas.

¹⁴ O autor já era conhecido por ter publicado entre a década de 1940-50 uma edição tripla e bilingue (latim/inglês) do *Rituale Romanum* que provavelmente abarcou as edições de 1614 até aquele dado momento. Acreditamos que com a promulgação de um novo *Rituale Romanum* em 1952, Philip Weller decidiu atualizar a sua tradução, mas desta vez o fez o publicou apenas em inglês, e em um volume único, trazendo a edição completa do *Rituale* de 1952 e seus respectivos acréscimos até 1964.

¹⁵ Weller (1964) traduz o *Rituale Romanum* (1952) inteiro para o inglês, e já acrescenta algumas mudanças que haviam sido feitas até 1964, e não estavam incorporadas ao *Rituale* trazendo para os padres dos Estados Unidos uma edição totalmente atualizada. Estas atualizações não alteraram o Rito de Exorcismo.

¹⁶ O ritual romano utilizado pelo padre Merrin e pelo padre Karras é exatamente a de Philip T. Weller, citada logo atrás, publicada em 1964. Esta constatação foi feita com base na própria cena em que o livro aparece no filme, de capa dura, vermelha, com letras douradas e uma cruz dourada no centro do livro, idênticas tradução Weller de 1964. Essa constatação foi confirmada também conforme acompanhávamos a leitura do texto com a fala dos padres no filme. Essa descoberta foi de grande importância para a análise comparativa, pois nos deu uma visão geral do que foi representado e o que foi deixado de lado nas encenações. Acreditamos que o uso do *Rituale Romanum* original (digo isso por ser do latim, e ser exatamente a cópia do livro da época) em consonância com estas duas traduções, a do filme e a de Weller (1964) contribuem para o entendimento científico e referencial do que estamos tratando.

em latim, que é o documento original no qual o primeiro se baseou¹⁷, buscando perceber quais são as semelhanças entre o filme e o ritual.

Para responder tais questões, nosso artigo será dividido em três momentos. Num primeiro momento, abordaremos um pouco da história do ritual romano de exorcismos enquanto documento escrito a partir de sua sanção em 1614 pelo Papa Paulo V (1605 – 1621)¹⁸, num segundo momento, faremos uma breve introdução da história dos filmes de terror em Hollywood e o surgimento do *Exorcista* neste universo e por fim, analisaremos as representações do ritual de exorcismos no filme por meio das ações do padre Merrin.

O Rituale Romanum e o Ritual de Exorcismos

Na longa história dos exorcismos dentro da Igreja cristã, os problemas referentes ao diagnóstico da possessão, às celebrações dos exorcismos, às suas fórmulas e à sua aplicabilidade foram se desenvolvendo conforme as perspectivas e análises dos teólogos de seu tempo. Na Idade Média, a Igreja Cristã do Ocidente possuía uma grande variedade de rituais e costumes, e a necessidade de uma unificação litúrgica começou a se mostrar cada vez maior, conforme expressa o Concílio de Trento (1545 – 1563) e as publicações subsequentes, sobretudo entre o final do século XVI e início do século XVII¹⁹.

Entre os livros litúrgicos tradicionais (e oficiais) da liturgia romana, surgiram o *Breviarium* (1568), o *Missale* (1570), o *Martyrologium* (1584) o *Pontificale* (1595-1596) e o *Ceremoniale Episcoporum* (1600), cada um, referente à um respectivo magistério da Igreja. Ainda faltava um instrumento válido para o serviço dos párocos e dos presbíteros, isto é, para sua atividade litúrgica mais ordinária, visto que havia uma confusão no que diz respeito à essas práticas, que variavam segundo as dioceses, tendo cada uma a sua própria versão, que nem sempre seguia plenamente o decoro, a dignidade, a fidelidade à tradução genuína, e talvez, a mesma ortodoxia (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013)²⁰.

Nesse sentido, o *Rituale Romanum*, do ponto de vista cronológico, foi o último dos livros romanos oficiais pós-tridentinos. Em 1612, o papa Paulo V (1605 – 1621) nomeou uma comissão de cardeais de cúria e de peritos para a elaboração do Ritual, cujo trabalho deveria ser o de selecionar e estudar bem as fontes que, a seu juízo, refletiam de uma maneira mais fiel a tradição romana (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013). O *Rituale*

¹⁷ Para que fique clara a distinção entre as versões do Ritual Romano, utilizaremos as definições: RR1964 para quando estivermos nos referindo à tradução de Weller (1964) e às representações do Ritual Romano no filme *O Exorcista*, e RR1952 para quando estivermos nos referindo à edição em latim, reimpressa no século XXI pelos editores Sodi e Toniolo (2008).

¹⁸ Período do seu papado. Este padrão será seguido para todos os outros papas citados.

¹⁹ Segundo Antonio Doñoro González, ao longo da história, variou-se a terminologia usada para aquilo que desde a reforma litúrgica tridentina em diante se chamaria “*Ritual*”: “Nos primeiros séculos o nome mais comum era *Ordo*. Na Idade Média aparecem termos como *Manuale*, *Agenda* o *Agendae*, *Liber agendorum*, *Pastorale*, *Ordinarium*. As vezes se recorre a termos genéricos como *Libellus* o *Liber sacerdotalis*. Outros nomes empregados são *Benedictionale* y *Processionale*” (DOÑORO GONZÁLEZ, Antonio, p.87, 2013).

²⁰ Este parágrafo foi inteiramente adaptado de (DOÑORO GONZÁLEZ, p.95, 2013).

*Romanum*²¹ foi promulgado com a Constituição Apostólica *Apostolicae Sedi* de 17 de junho de 1614, em sua primeira edição, os sacramentos e sacramentais seguiam a ordem clássica (Batismo, Penitencia, Eucaristia, Extrema Unção - incluindo a cura pastoral dos enfermos e as exéquias - e o Matrimônio), seguido de uma parte ampla de procissões, sendo concluído com o *De exorcizandi obsessis à daemónio*²² e com a *Formula Scribendi in libris habendis apud Parochos*.²³

De exorcizandi obsessis à daemónio era o primeiro ritual de exorcismos adotado oficialmente pela Igreja. De acordo com Juan B. Cortés e Florence M. Gatti, as cerimônias primitivas de exorcismo eram similares às posteriores, porém, mais simples: “incluíam uma litania, orações, a imposição das mãos” enfatizando especialmente a palavra “Jesus” (CORTÉS; GATTI, 1978, p.60). Assim como o RR1614, o Ritual Romano de Exorcismos não se desenvolveu isoladamente, foi produto de muitas influências e circunstâncias diversas, às quais, a comissão formuladora procurou conciliar na época (GROB, 2006)²⁴.

Com a publicação do RR1614, não se proibiu o uso das publicações utilizadas até então²⁵, mas era recomendado que se usasse o novo ritual (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013). O RR1614 era a versão oficial dos sacramentos da Igreja Católica e outras obras poderiam ser usadas em seu auxílio, desde que fossem autorizadas (as obras) pela Igreja. Com o tempo, quase todas as dioceses terminaram por adotar o ritual oficial.

Após a promulgação do RR1614 (*Editio princeps*), mais de cem anos se passariam até que ele fosse reeditado. Segundo Doñoro González (2013), foram seis edições oficiais (chamadas pelo nome de “Edição Típica”)²⁶ que vão de 1752 a 1952.

Em 1752, no papado de Bento XIV (1745-1758), o RR1614 foi organizado em dez títulos, subdividido em capítulos; enumerou-se as normas iniciais (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013). Também foram corrigidos erros e emendados textos, o ritual de exorcismo não sofreu maiores alterações nesta edição subsequente (GROB, 2006).

²¹ A partir desse momento, todas as vezes em que formos nos referir ao *Rituale Romanum* de 1614, usaremos as siglas “RR1614”.

²² Do Latim “Dos endemoninhados a exorcizar”. Muitas pessoas confundem o Ritual Romano com o Ritual de Exorcismos. O Ritual Romano é um livro no qual o Ritual de Exorcismos é um capítulo.

²³ Do Latim: “A fórmula da escrita em livros a serem realizadas pelo pároco”. Eram formulas destinadas aos párocos para registro de batizados, casamentos, falecidos, etc.

²⁴ Segundo Avila (2013), a teologia de Kramer e Sprenger, com o *Malleus Maleficarum* (1486) foi a principal responsável pela descrença na eficácia dos exorcismos sobre as bruxas na Idade Média. Grob (2006) ressalta que os teólogos do século XVII, já familiarizados com a medicina, acharam necessário retomar os critérios de identificação das causas das possessões e orações de exorcismos, e normatizá-los em um ritual, para que servisse de parâmetro pra tal conduta. Martin (1976) destaca que algumas partes do texto eram identificavelmente do fim do 3º século e começo do 4º, e outras eram de antes do ano 1000 d.C., mas que grande parte do texto fora desenvolvido nos séculos que leparam atpe a Rehascença, chegando, finalmente, à sua forma atual, no século XVII.

²⁵ Os precursores mais conhecidos do *Rituale Romanum* de 1614 são o *Liber Sacerdotalis*, de A. Castellani (o Castellano), de 1523, o *Sacerdotale* de F. Samarini, de 1579, e a mais importante de todas, o *Rituale* do Cardeal Santori, escrita entre 1575 e 1602 (DOÑORO GONZÁLEZ, p.90-92, 2013).

²⁶ (DOÑORO GONZÁLEZ, p.99, 2013).

Em 1872, durante o papado de Pio IX (1846-1878), foram introduzidas fórmulas de bênçãos aprovadas até então pela Santa Sé (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013).

Em 1890²⁷, com o papa Leão XIII (1878-1903), foi acrescentado um terceiro capítulo ao Ritual de Exorcismos (que até então tinha dois), não alterando em nada os capítulos anteriores (GROB, 2006). Dessa maneira, o ritual de exorcismos ficou dividido em *De exorcizandis obsessis a daemônio*²⁸ no primeiro capítulo, *Ritus exorcizandi obsessos a daemônio*²⁹ no segundo capítulo, e *Exorcismus in Satanam et Angelos apostaticos*³⁰ no terceiro capítulo³¹.

Em 1913, com o Papa Pio X (1903-1914), foram incluídas algumas correções feitas pela Congregação dos Ritos (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013).

Em 1925, no papado de Pio XI (1922–1939) ajustou-se o *Rituale* aos cânones da época, o CIC 17³² (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013), isto é, às instruções de que ninguém, mesmo que dotado do poder de praticar exorcismos, poderia legitimamente exorcizar um possuído sem a autorização expressa do Ordinário (Cânone 1151. § 1), e que essa licença só poderia ser concedida a um presbítero (...) (Cânone 1151. § 2), que poderia celebrar o ritual tanto em fiéis e catecúmenos, como em não católicos ou excomungados³³.

Em 1952, com o Papa Pio XII (1939–1958), foram realizados muitos retoques rubricais e uma série de adições (DOÑORO GONZÁLEZ, 2013). Nessa edição³⁴, a Igreja procurou adequar as orientações do ritual romano de exorcismos (O capítulo I: *De*

²⁷ Doñoro González (2013) traz em sua análise a data de 1884, mas não explicita qual foi a modificação. O que sabemos é que o Papa Leão XIII (1878 - 1903) é conhecido por ter criado a oração de exorcismos de São Miguel Arcanjo (“São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede o nosso refúgio contra as maldades e ciladas do demônio...”), após uma experiência que, segundo ele, foi uma visão do inferno (1884) (AMORTH, Gabriele. *Habla un Exorcista*. Traducción de Juan Carlos Gentile, 4ªed. Editorial Planeta, S. A. Barcelona, España, 2005). Jeffrey Grob (2006), diferente de Doñoro González, fala que a edição do ritual por parte de Leão XIII apareceu em 1890, e não em 1884. Acreditamos que talvez Doñoro González tenha confundido a data da edição do *Rituale Romanum* (1890) com a data da criação da oração de São Miguel Arcanjo (1884), ambas feitas pelo papa Leão XIII (1878 - 1903).

²⁸ Do latim “Dos endemoniados a exorcizar”, mesmo nome de quando o texto era uniforme. Este capítulo ficou reservado para as orientações gerais no que diz respeito à investigação e à conduta no tratamento da possessão diabólica.

²⁹ Do latim “Ritual para exorcizar os endemoniados” (tradução aproximada). Este capítulo ficou reservado às orações e fórmulas do exorcismo maior.

³⁰ Do latim “Exorcismo de Satanás e dos anjos caídos”. Este capítulo dava a fórmula para exorcizar lugares e coisas.

³¹ RITUALE ROMANUM. Publicado originalmente em 1925. Laudate Dominum Liturgical Editions, [2011?]. Disponível em: <<http://laudatedominum.net/files/freddofrog.pdf>>. Acesso em: 27 março de 2014.

³² “Código de Direito Canônico” de 1917.

³³ Traduzido e adaptado de *Codex Iuris Canonici Pii XPontificis Maximi iussu digestus Benedicti Papae XV auctoritate promulgatus*, 1917. Disponível em <http://www.jgray.org/codes/cic17lat.html>. Acesso em 29 de março de 2014. Em geral, os cânones sobre exorcismos foram feitos para complementar o RR 1614, apesar de não trazer muitos detalhes, os redatores a importância de quem poderia se beneficiar de um exorcismo, e quem o poderia realiza-lo (GROB, 2006).

³⁴ A partir daqui, ao referenciar os *Rituale Romanum* de 1952, (assim como fizemos com o de 1614) utilizaremos as siglas “RR 1952”.

exorcizandis obsessis a daemônio) à distinção entre sintomas de possessão demoníaca e doenças mentais e psicológicas. No Ritual anterior se dizia “Tenha presente esses sinais com os quais o possesso se diferencia daqueles que sofrem de melancolia ou outra doença”. A partir de 1952, em vez de “melancolia ou outras doenças”, passou-se a dizer “alguma doença, principalmente das psíquicas” (QUEVEDO, p. 119, 1981).

Para o nosso presente artigo, escolhemos a edição de 1952, pois é ela que será representada no filme *O exorcista*. No RR1952, os exorcismos estão no Título XII, *De exorcizandis obsessis a daemônio*³⁵, que se divide em três capítulos: I) *Normae observandae circa exorcizandos a daemônio*³⁶ reservado às orientações gerais no que diz respeito à realização dos exorcismos, dividido em vinte e um parágrafos; II) *Ritus exorcizandi obsessos a daemônio*³⁷, que contém três fórmulas para o rito do exorcismo maior; III) *Exorcismus in satanam et angelos apostaticos*³⁸, que contém as orações para exorcizar coisas ou lugares³⁹.

Da segunda metade do século XX em diante, sobretudo após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o *Rituale Romanum* deixou de ser um livro uniforme, e passou a ser dividido pelos seus ritos, isto é, cada Título passou a ser uma obra própria, conforme as publicações da década de 1990 em diante⁴⁰. A modificação, de fato, feita no ritual romano de exorcismos em 1952 não modificou suas orações nem as fórmulas de exorcismo.

No que diz respeito ao Ritual de Exorcismos, a mudança mais radical aconteceu em 1998, quando a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos do Vaticano considerou oportuno rever as normas antigas, as preces recolhidas e as fórmulas do Título XII do Ritual Romano de exorcismo, com base no Concílio Vaticano II (1962 a 1965), e promulgou o livro *Ritual de Exorcismos e outras súplicas*⁴¹, um livro vermelho em capa dura, que fala unicamente sobre as celebrações do exorcismo, e que é vendido livre e legalmente em qualquer livraria religiosa que o tenha. Tratava-se de um rito renovado de Exorcismo, aprovado pelo Papa João Paulo II (1978 – 2005), para que fosse usado no lugar das normas vigentes até aquele momento.

O *Ritual de Exorcismos e outras súplicas* gerou muita polêmica entre os exorcistas, tanto pela abstenção de algumas práticas na celebração do exorcismo quanto pelo abandono do latim, que apesar de possuir uma edição neste idioma, foi traduzido para o vernáculo, conforme os respectivos países. O intuito deste subtítulo foi mostrar como se elaborou historicamente a prática dos exorcismos, do conflito entre Deus (os exorcistas / os médicos) e o demônio (os possuídos / os doentes). *O Exorcista* é de 1973, e como dito anteriormente, o Ritual Romano que serviu de base para o filme foi o de 1952 (1964 na

³⁵ Nota 32.

³⁶ Do latim “As regras a serem observadas sobre exorcizar demônios” (tradução aproximada).

³⁷ Nota 33

³⁸ Nota 34.

³⁹ *Rituale Romanum*, Vaticano, Typis Polyglottis, 1952, titulus XII. In SODI, M. – TONIOLO, A. (eds.). *Cittá del Vaticano*, 2008.

⁴⁰ Os rituais são vendidos livremente nas livrarias e no Brasil são publicados pela editora Paulus.

⁴¹ *De Exorcismis et Supplicationibus quibusdam* em latim, embora seja mais fácil encontrar as edições vernáculas do que as latinas.

tradução oficial do latim para o inglês), e é dessas representações que agora iremos no ater.

Filme de terror: O Exorcista

Desde o seu nascimento, Hollywood tem envolvido o público norte-americano e por extensão o mundo ocidental, com suas produções clássicas e seus variados gêneros que foram se desenvolvendo ao longo dos anos. O gênero fílmico de terror não foi diferente; apesar do seu crescimento tímido em relação aos outros, também conquistou seu espaço, sobretudo após a segunda metade do século XX, cujo um dos marcos se deu no ano de 1973, com a produção do filme *O Exorcista*, o filme que privilegiaremos neste cenário.

A primeira onda de filmes de terror nos Estados Unidos se iniciou com a *Universal Pictures*, que inspirada por sucessos como *O Gabinete do Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920)⁴², *Nosferatu* (F. W. Murnau, 1922) e *Metrópolis* (Fritz Lang, 1927) assumiu o “lado escuro” do cinema Hollywoodiano (PENNER; SCHNEIDER, 2008, p.9-10). Em poucos anos, a *Universal* se tornou a referência dos filmes de terror, com destaque para os filmes *Drácula* (Tod Browning, 1931) e *Frankenstein* (James Whale, 1931) (PENNER; SCHNEIDER, 2008).

A partir da década de 1930, o terror passou a se expandir gradativamente, construindo uma história significativa dentro do cinema hollywoodiano; a história dos filmes de terror continua, com grandes sucessos, grandes produções, enfim, um assunto que não aprofundaremos nesta ocasião. Em suma, a grande marca deste gênero cinematográfico é a sua matéria prima: o medo do homem, os seus temores conforme os seus respectivos tempos - sejam eles conteúdos políticos, sociais ou culturais - que são apropriados e representados em forma de fantasmas, vampiros, zumbis, lobisomens, psicopatas, demônios entre outros.

O Exorcista surgiu no momento em que os filmes vinham convertendo os monstros em seres humanos. Nas seis primeiras décadas do século XX, o homem vinha demonstrando e provando a sua periculosidade, o mundo já havia passado por duas guerras mundiais, visto os efeitos da bomba atômica e o período da Guerra Fria prenunciava o que poderia ser uma terceira guerra mundial.

No ano de 1960, *Psicose* (Alfred Hitchcock) e *A Tortura do medo* (Michael Powell) inauguraram essa era em que o monstro não era só humano, mas pessoas psicologicamente reais (PENNER; SCHNEIDER, 2008). O ano de 1968 foi um ano de “paranoia urbana”, com os assassinatos de Robert Kennedy e Martin Luther King Jr, estabelecendo uma conjuntura do terror humano na cidade, representadas em filmes como *O Bebê de Rosemary* (Roman Polansky, 1968) e *A noite dos mortos vivos* (George Romero, 1968) (PENNER; SCHNEIDER, 2008, p.13). Na década de 1970, o pavor

⁴² *O Gabinete do Dr. Caligari* é um dos marcos do cinema do cinema de terror, segundo David Robinson, “O filme prodígio de 1920 indicou novas ambições estéticas para o cinema; novas relações entre filme e artes gráficas, entre ator e representação, entre imagem e narrativa” (ROBINSON, David. *O Gabinete do Dr. Caligari*. Tradução de José Laurenio de Melo. – Rio de Janeiro, Rocco, p.07, 2000).

não está apenas na cidade, está dentro da própria casa, e não é apenas algo humano, é familiar (PENNER; SCHNNEIDER, 2008).

O *Exorcista* (The Exorcist) foi produzido em 1973 e conta a história de Reagan MacNeil (Linda Blair), uma menina de 12 anos que começa a apresentar drásticas mudanças de comportamento, levando sua mãe, Chris MacNeil (Ellen Burstyn) a recorrer a um exorcismo após varias tentativas frustradas de conseguir um diagnóstico a partir da medicina. O exorcismo ficará a cargo de dois padres jesuítas, o veterano padre Merrin (Max Van Sydow) e o novato padre Karras (Jason Miller), de formação psiquiátrica e que trabalhou no diagnóstico de autenticidade da possessão de Reagan. O filme, basicamente, tem como enredo a vida destes quatro personagens, cujos conflitos individuais se encontram e se concluem no desfecho do filme.

O filme representa um exorcismo no século XX, explorando os sintomas de possessão demoníaca, a visão da ciência e da Igreja, e a realização do ato em si. Com um enredo simples, o filme acata os formalismos narrativos do cinema norte-americano, apresentando metodicamente as relações básicas entre os personagens principais e estabelecendo uma situação de crise (PENNER; SCHNNEIDER, 2008).

Sua complexidade está mais em seus efeitos visuais e nas atuações dos seus atores do que especificamente na trama da sua história: é a menina possuída por alguma força desconhecida que se fere com um crucifixo e profere um amontoado de obscenidades; a mãe diante do inexplicável e da impotência de exercer seu instinto de proteção materna; do padre que já não tem mais certeza de sua fé e das coisas que existem ou não existem dentro do universo místico e científico no qual está inserido.

Com roteiro inspirado em seu livro, William Peter Blatty procurou levar seu romance ao cinema. Conseguiu contrato com a Warner Bross e escolheu pessoalmente o diretor William Friedkin. Friedkin soube manipular muito bem as imagens do *Exorcista*, contribuindo para que o já consagrado livro de Blatty fosse um sucesso também nas telas cinema.

O livro *O Exorcista* foi publicado em 1971, dois anos antes do lançamento do filme. Segundo o próprio Blatty (1974), o livro foi inspirado em um caso real. No ano de 1949, quando cursava o penúltimo ano da Universidade Georgetown em Washington, D.C., Blatty leu na edição de 20 de agosto do jornal Washington Post, uma nota que dizia respeito a um padre católico que em Mount Rainier (Maryland, EUA), havia acabado de libertar um menino de 14 anos, possesso pelo demônio, após 20 ou 30 sessões de exorcismos. Blatty arquivou a história pensando em escrever sobre ela, e anos depois, após ter acesso ao diário de um dos exorcistas do caso, fez um longo estudo sobre demonologia. Assim surgiu o livro e filme *O Exorcista* (QUEVEDO, 1989).

Quando já estava sendo filmado, *O Exorcista* teve uma ajuda indireta do papa Paulo VI (1963–1978) que, em junho de 1972, escandalizou a imprensa ao declarar que tinha a sensação de que o fumo de Satanás tinha entrado no templo de Deus por meio de alguma fenda (AMORTH, 2012, p.50–60). Em novembro do mesmo ano, declarou ainda:

O mal que existe no mundo é ocasião e efeito de uma intervenção em nós e em nossa sociedade de um agente obscuro e inimigo, o

Demônio. O mal não é apenas uma deficiência, mas um ser vivo, espiritual, pervertido e pervertedor. Terrível realidade. Misteriosa e amedrontadora... O Demônio é o inimigo número um, o tentador por excelência. Sabemos que esse ser obscuro e perturbador existe e realmente continua agindo... Sabe insinuar-se em nós, por meio dos sentidos, da fantasia, da concupiscência... para introduzir desvios. (KRIEGER, 2013, CNBB ONLINE⁴³).

A partir desse discurso, o papa Paulo VI dava mostras de que a crença na influência do demônio estava bem viva para a Igreja Católica da década de 1970. A Warner Bros soube explorar isso, apesar de *O Exorcista* não proclamar no filme o fato de Blatty ter se inspirado em um caso real, o departamento de publicidade da Warner sempre tratava de lembrar isso à imprensa, e já no ano de 1973 nos Estados Unidos, todos o sabiam (CULL, 2000). Outro método da Warner Bros era distribuir folhetos promocionais do filme nos cinemas, cujo conteúdo trazia um breve panorama sobre a história do exorcismo e as informações sobre o caso de 1949, que inspirou Blatty⁴⁴.

O Exorcista praticamente delimitou o tema das possessões demoníacas nos filmes de terror, inaugurando um subgênero no qual o demônio passou a ser a principal atração.

O Exorcismo de Reagan

A cena do exorcismo de Reagan é o desfecho do conflito pelo qual passavam os personagens principais que, reunidos no mesmo local, dão ao espectador os seus momentos finais. Chris MacNeil, acaba de receber a visita do padre Merrin, “o exorcista”, que foi chamado pela Igreja após o padre Karras ter visitado Reagan durante vários dias, e ter constatado que ela realmente apresentava vários dos sinais exigidos pela Igreja para a realização dos exorcismos. A vinda dos padres à casa é uma tentativa desesperada de Chris que, apesar de não ter religião, já não sabe mais o que fazer para salvar sua filha⁴⁵.

O Bispo local responsável achou melhor que um exorcista experiente assumisse o caso, visto que a vítima era uma criança, e mandou chamar o padre Merrin, que já havia feito exorcismos anteriormente, e permitiu o acompanhamento do padre Karras, visto que ele já conhecia o quadro, e possuía formação médica, o que de fato, já era exigido pelo RR1952.

o Ritual de Exorcismo não é um Sacramento. Sua integridade e eficácia não dependem (...) do uso rígido de uma fórmula imutável ou sequência ordenada dos atos prescritos. Sua eficácia depende

⁴³ Fonte: <http://www.cnbb.org.br/articulas/2014/02/20/12209-demonio-um-assunto-incomodo>. Acesso em 26 de fevereiro de 2014.

⁴⁴ Informação encontrada em um dos sites oficiais do filme: <http://behindtheexorcist.com/page/3>. Acesso em 26 de fevereiro de 2014.

⁴⁵ De acordo com o CDC 1917 (Rituale Romanum 1925), os não católicos podiam receber exorcismos.

(...) da autorização das autoridades válidas e lícitas da Igreja, e da fé do exorcista (MARTIN 1976, p.440) ⁴⁶.

Dentro da casa, já paramentados, padre Merrin e padre Karras sobem as escadas rumo ao quarto de Reagan. Chris, Sharon e Karl esperam na porta, os padres passam por eles, a expressão facial de Chris é de pavor. Somente os dois padres entram quarto e a porta é fechada. A imagem passada pelo padre Merrin é de calma, tranquilidade e confiança, qualidades relevantes à um exorcista, enquanto o padre Karras traz um semblante assustado, se perde no acompanhamento dos textos, parece não acreditar no que está vendo.

Dentro do quarto, Padre Merrin para por um segundo, olha para Reagan, e se dirige ao lado esquerdo da cama, enquanto padre Karras fica mais ao fundo. O quarto está gélido, as respirações se condensam no ar frio. Padre Merrin coloca sobre o criado seu exemplar do Ritual Romano⁴⁷, uma cruz, e um frasco de água benta. A partir daí já podemos fazer a análise comparativa entre a condução do padre Merrin, e a prescrição do RR1952. Reagan já está em estado de possessão total, está em transe, somente a personalidade do demônio ali aparece⁴⁸.

A primeira instrução para a realização do ritual de exorcismos aparece logo abaixo do subtítulo *rite of exorcism*:

O sacerdote delegado pelo Ordinário para executar esta função deve primeiro ir à confissão, ou pelo menos suscitar um ato de contrição e se conveniente, oferecer o santo Sacrifício da Missa, e implorar pela ajuda de Deus em orações fervorosas, vestido em sobrepeliz e estola roxa. Tendo diante de si a pessoa possuída (que deve ser amarrado, se houver qualquer perigo) ele traça o sinal (o

⁴⁶ Ainda segundo Malachi Martin, “as autoridades da Igreja sempre insistiram num texto estruturado que garantisse cada um dos pontos essenciais do Exorcismo (a evocação e expulsão do Espírito Malígnico unicamente em nome de Jesus). Contudo, apesar do formalismo tradicional, é permitida uma grande liberdade de conduta no uso do texto do Ritual. A própria natureza do Exorcismo faz disto uma necessidade: na atmosfera turbulenta e mutável de um exorcismo verdadeiro, seria impossível aderir rigidamente a um texto e cerimonial determinados” (1976, p.440). Procuramos seguir as concepções de Malachi Martin ao buscar nas orações do padre Merrin, as formas como ele representou/conduziu o ritual de exorcismos. Isso descaracteriza qualquer perspectiva “positivista” de comparação entre “ficção e realidade”, isto é, entre a fidelidade ou não do filme com relação ao ritual. É contrariamente a esse intuito que aderimos ao conceito de representação, ou seja, a ideia de que toda história é de certa forma uma ficção, de que estamos em um mundo de representações ficcionais da realidade, de universos que se apropriam de conceitos, e os representam conforme a sua realidade.

⁴⁷ O ritual romano utilizado pelo padre Merrin e pelo padre Karras é uma edição verdadeira, publicado pela Bruce Publishing Company, traduzida do latim para o inglês por Philip T. Weller em 1964, baseada na edição latina do *Rituale Romanum* da Editio Typica, de 1952, incluindo os acordos pertinentes até o ano de 1964. Esta constatação foi feita com base na própria cena em que o livro aparece no filme, de capa dura, vermelha, com letras douradas e uma cruz dourada no centro, idênticas tradução de Philip Weller de 1964. O autor já era conhecido por ter publicado entre as décadas de 1940-50 uma edição tripla e bilingue (latim/inglês) do *Rituale Romanum* que provavelmente abarcou as edições de 1614 até aqueles anos. Acreditamos que com a edição do *Rituale Romanum* em 1952, Philip Weller decidiu atualizar a sua tradução, mas desta vez o publicou apenas em inglês, e em um volume único.

⁴⁸ Quando nos referirmos a Reagan em estado total de possessão, falaremos “Reagan/demônio”.

exorcista) traça o sinal da cruz ele (o possesso), sobre si mesmo, e os espectadores, e depois borrifa água benta sobre todos. Depois disso ele se ajoelha e diz a ladainha dos Santos, exclusivo das orações que seguem. Todos os presentes devem fazer as respostas. (WELLER, 1964, p.603).

O filme não mostra os padres em confissão, suscitando algum ato de contrição o oferecendo uma missa. Uma interpretação de crítica interna poderia dizer que o estado de Reagan era muito grave e urgente, e que o padre Karras, que já pressentia o confronto desde a época em que estava trabalhando em escavações arqueológicas no Iraque, decidiu acelerar o processo deixando de lado algumas prescrições, enquanto que uma interpretação de crítica externa poderia dizer que não havia tempo suficiente para se representar todas as prescrições do ritual romano de exorcismo, e que algumas realmente deveriam ser deixadas de lado.

A representação do ritual é marcada por esta dicotomia, opções interiores ou exteriores do diretor. Acreditamos que entre estas duas visões, Friedkin optou por representar o que ele achava que daria maior impacto no público, o que seria mais interessante para ser representado em um filme de terror.

Conforme orienta o RR1952, padre Merrin veste uma sobrepeliz e usa a estola roxa, a marca do exorcista. Reagan/demônio está amarrada, pois representava um perigo para os padres, já havia agredido seu médico e seu psiquiatra, assassinado Burke Dennings e esbofetado a própria mãe. Em pé, Padre Merrin faz o sinal da cruz em si, sobre os espectadores (padre Karras) e sobre a possessa (Reagan/demônio).

Reagan/demônio responde imediatamente à ação do padre, dizendo “Violente-a, seu desgraçado. Seu porco depravado!”. Padre Merrin a manda se calar, borrifa água benta na menina, que reage como se tivesse recebido ácido sobre a pele, borrifa água benta em si, e no padre Karras e começa o processo de exorcismos, conforme prescrito no RR1952.

Padre Merrin se ajoelha, abre o Ritual Romano no capítulo II⁴⁹, e começa a fazer as orações usando o idioma vernáculo. Na década de 1970, parte do texto do Ritual Romano, especialmente as orações muito conhecidas, já eram, algumas vezes, rezadas ou recitadas no vernáculo. No entanto, entre os exorcistas, parecia haver uma persuasão nascida da experiência de que o texto latino possuía certa função especial, e um poder de precisão maior (MARTIN, 1976). Acreditamos que a opção de representar as orações do ritual em inglês se deu mais a opção do diretor em proporcionar um contato mais íntimo do seu público com os rituais de exorcismos do que a uma cultura que necessariamente já havia abandonado o idioma ritual do latim.

Conforme vemos na mão do padre Merrin, o Ritual Romano possui duas cores: em preto, estão as orações do exorcista e, em vermelho estão orientações para a realização do exorcismo, assim como a indicação dos momentos em que os espectadores

⁴⁹ *Ritus Exorcizandi Obsessos a Daemonio* ⁴⁹, na versão em latim

devem responder às orações do padre. De joelhos, padre Merrin inicia o ritual com a oração do “Pai Nosso”, pulando a Ladainha dos santos (RR1952, p.853).

A Ladainha dos santos é uma das orações mais longas da Igreja católica, e representá-la poderia tomar um tempo imenso do filme. Padre Merrin continua a sequência com o salmo 53 (RR1952, p.853), e o faz completamente, na primeira parte, sozinho, e na segunda parte, com as respostas do padre Karras (BLATTY, 1974, p.356-357), conforme o RR1952, pulando poucas palavras na medida em que era distraído ou interrompido por Reagan.

O quarto está frio, nota-se pela respiração dos presentes, Reagan/demônio geme, emitindo granidos e vozes estranhas, balançando a cabeça de um lado para o outro, remexendo o corpo amarrado e coberto por um lençol.

Conforme as palavras vão saindo da boca do padre Merrin, a cama de Reagan começa a bater os pés no chão, ela grita e rosna ardentemente. Após a oração do salmo 53 e as orações subsequentes, incluindo a fórmula no qual o nome do possesso é citado, padre Merrin prossegue com uma oração que está algumas páginas à frente do seguimento cronológico do Ritual de Exorcismos.

O padre pula a oração que traz os primeiros juramentos ao demônio, ordenando que este o dê um sinal de quem ele é, e o obedeça, sem causar danos ao possuído (1952, p. 845), e pula uma seleção de leituras do evangelho, que deveriam ser feitas sobre o possesso (1952, p.845-848).

Friedkin optou por não apresentar a oração em que o padre pergunta o nome do demônio. Acreditamos que ele preferiu deixar pairar a dúvida do que poderia ser aquela entidade que causava tantos transtornos à menina. O diretor também não quis perder contemplar as leituras dos evangelhos, provavelmente por serem longas demais.

Padre Merrin chega à quarta sessão do capítulo II do RR1952 e a orientação é de que o padre faça a cruz sobre si mesmo, e sobre o possuído, coloque a ponta da estola no pescoço do mesmo, e coloque a mão direita sobre a cabeça do referido, recitando a oração que vem em seguida com confiança e fé (RR1952, p. 849). Padre Merrin segue à risca esta orientação, ele se ajoelha, coloca a estola roxa no pescoço de Reagan/demônio, e a mão direita em sua cabeça enquanto reza, Reagan/demônio vomita um líquido verde sobre a estola. Padre Merrin não consegue terminar a oração, tira a estola, e entrega ao padre Karras, que a leva ao banheiro, lava o vômito na pia, e a traz de volta ao padre Merrin, que a beija e a veste (BLATTY, 1974, p.359). Reagan/demônio começa a gargalhar enquanto o padre Merrin caminha até o lado oposto da cama, tossindo, meio engasgado. Padre Karras observa, com preocupação, a debilidade de padre.

Recomposto, padre Merrin começa a proferir as fórmulas de exorcismo solene (RR1952, p.849). Ele já não utiliza o ritual, profere as fórmulas, omitindo algumas partes do meio da oração. Reagan/demônio senta na cama e enfrenta o padre, atacando-o com blasfêmias (BLATTY, 1974, p.359).

O ambiente reage com a mesma intensidade de Reagan/demônio: aparecem rachaduras no teto, o litro de soro cai no chão e quebra, a porta do banheiro bate com tal força que chega a rachar. Mais uma vez padre Karras se distrai e Merrin tem que chama-

lo para dar a resposta (BLATTY, 1974, p.360). No rosto de Reagan, padre Karras vê a face do demônio.

Padre Merrin continua a oração da fórmula de exorcismo (1952, p.850), novamente entorno reage às orações. Padre Merrin inicia outra fórmula de exorcismos (RR1952, p.851), e já se lembra bem pouco das palavras corretas na oração, pois está muito cansado.

Os olhos de Reagan/demônio ficam brancos, as amarras da menina se desatam. Enquanto padre Merrin ainda pronuncia as orações, o corpo de Reagan começa a flutuar, chegando até quase o teto, oscilando durante bastante tempo acima da cama, padre Merrin pede que o padre Karras busque a água benta do outro lado do quarto. Enquanto o corpo paira no ar, os dois padres gritam em uníssono uma frase da fórmula de exorcismo em questão: “O poder de Cristo te obriga!⁵⁰” (RR1952, p. 852), incessantemente, até que o corpo de Reagan/demônio volte à cama.

Enquanto o corpo de Reagan/demônio vai baixando, a expressão dela é de tristeza e dor. Padre Karras corre para ela, solta uma das correias da cama e amarram-lhe as mãos, padre Merrin continua a fazer as orações. Quando padre Karras vira as costas para amarrar as pernas de Reagan, ela ergue as mãos amarradas, e dá-lhe um soco violento na nuca. Padre Karras cai no assoalho. Antes que Reagan/demônio possa se levantar, padre Merrin continua a oração, asperge água benta, a menina geme e rola de um lado ao outro da cama.

O quarto volta a tremer com muito mais violência, fazendo com que os padres caíam no chão. Por um breve espaço de tempo, Reagan se ergue diante da aparição do demônio Pazuzu. Padre Merrin termina a segunda fórmula de exorcismos, usando apenas palavras aleatórias (RR1952, p. 852-854), sem consultar o ritual. Enquanto padre Merrin ajoelha-se à beira da cama, padre Karras vai até a cama e agasalha Reagan com um cobertor, o quarto está muito frio, Reagan está estremecida e encolhida. Padre Merrin limpa o rosto de Reagan, os dois padres exaustos saem do quarto para descansar um pouco. (BLATTY, 1974, p. 361-362).

Conclusão

O *Exorcista* tornou-se emblemático no século XX por tratar de temas instigantes para o ser humano, o medo de perder o controle de si e da sua própria mente, ou o de ver o filho se perdendo e não poder fazer nada. Nunca antes uma pessoa possuída pelo demônio havia sido representada pelo cinema norte-americano, não sob a forma de Reagan e sua radical transformação.

Acreditamos que o filme se tornou um clássico porque William Peter Blatty conseguiu captar o medo existente naquele momento histórico e representá-lo na figura do demônio que se apossa do corpo de uma criança. Autor e diretor inauguraram na segunda metade do século XX um interesse maior sobre o ocultismo, sobre as questões religiosas relacionadas ao demônio da Igreja Cristã.

⁵⁰ “is the power of Christ that compels you” (WELLS, 1964, p. 608)

Acreditamos que *O exorcista* conseguiu “instituir uma realidade” que, dentro do quadro de possibilidades de representação temporal de um filme, seus produtores foram felizes no que buscaram representar. Tudo isso foi significativo para a construção de uma imagem típica do padre exorcista que marcou o imaginário coletivo do século XX.

Referências

- AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010.
- AMORTH, Gabriele. *Habla un Exorcista*. Barcelona: Editorial Planeta, 2005.
- AMORTH, Gabriele. *Novos relatos de um exorcista*. Tradução de Ana Paula Bertolini. São Paulo: Palavra & Prece, 2012
- AVILA, Erik dos Santos. A Revisão do Ritual de Exorcismos como instrumento de reafirmação da autoridade e da relevância do catolicismo no mundo contemporâneo. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*, v.11, n.1, 2013, p. 173 – 200. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/5740>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.
- BALDUCCI, Corrado. *A Possessão Diabólica*. Tradução de Esther de Lemos, editora Ulisseia, 1974.
- BAMONTE, Francesco. *Possessioni Diabolic He Eesorismo: come riconoscere l'astuto ingannatore*. Torino: Paoline Editoriale Libri, 2006.
- BLATTY, William Peter. *William Peter Blatty on the exorcista from novel to film*. 2nd. Printing. United States: Bantam Book, 1974.
- BARCINSKI, André. “*O Exorcista*”, marco do horror faz 40 anos. Folha de São Paulo, coluna Ilustríssima, 22 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/12/1388364-o-exorcista-marco-do-horror-faz-40-anos>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.
- BARROS, José d’Assunção. Cinema e História: entre expressões e representações p.55-105. In NOVOA, Jorge; BARROS, José d’Assunção. *Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema*. 3ed. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.
- BARROS, José D’Assunção. *Teoria da História: V. A Escola dos Annales e a Nova história*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 303-306, 2012.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2013.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis RJ: Vozes, 2003.

CODEX IURIS CANONICI PII XPONTIFICIS MAXIMI IUSSU DIGESTUS BENEDICTI PAPAЕ XV AUCTORITATE PROMULGATUS, 1917. Disponível em <http://www.jgray.org/codes/cic17lat.html>. Acesso em 29 de março de 2014.

CORTÉS, Juan B; GATTI, Florence M. *Proceso a las posesiones y exorcismos..* Spain: Ediciones Paulinas, 1978.

CULL, Nick. *The Exorcist*. Part of the series “Film in context”, History Today, volume: 50, Issue: 5, 2000. Disponível em <http://www.historytoday.com/nick-cull/exorcist>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014;

DOÑORO GONZÁLEZ, Antonio. *Exorcismos: Fuentes y Teología del Ritual de 1952*. Toledo, España: Instituto teológico San Ildefonso Servicio de Publicaciones, 2013.
DUNWICH, Gerina. *Guia das Bruxas sobre fantasmas e o sobrenatural*. São Paulo: Madras, 2003.

FRIEDKIN, William. *The Exorcist*. EEUU, Warner, 1973.

GROB, J. S. *A major revision of the Discipline on Exorcism: a comparative study of the liturgical laws in the 1614 and 1998 Rites of Exorcism*. 234 p. Tese (Doutorado em Direito Canônico) Faculty of Canon Law, Saint Paul University, Ottawa, Canada, 2007. Disponível em <https://www.ruor.uottawa.ca/fr/handle/10393/29460>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

HUBER, G. Exorcismo in: BORRIELLO et al. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus, Edições Loyola, 2003.

JONES, Lindsay (editor chefe). *Encyclopedia of Religion*. 2nd ed., Thomson Gale: USA, 2005 (“Exorcism”, p. 2927)

KRIEGER, Murilo S.R. *Demônio: um assunto incômodo*. CNBB, 18 de junho de 2013. Disponível em <http://www.cnbb.org.br/articelistas/dom-murilo-sebastiao-ramos-krieger/12209-demonio-um-assunto-incomodo>. Acesso em 26 de fevereiro de 2014.

MARTIN, Malachi. *Refêns do Diabo*. Tradução de Marina Leão Teixeira e Viriato de Medeiros. Tijuca, RJ: Novo Tempo Edições LTDA, p.17-36, 39; 415-419; 439-457. 1976.

MASCARELLO, Fernando. *História do cinema mundial*. 7ªed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel, p. 235-239. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

PENNER, Jonathan; SCHNEIDER, Steven Jay. *Cine de terror*. Paul Duncan editor, tradução del inglês: Gemma Deza Guil, TASCHEM, Barcelona, España, 2008.

QUEVEDO, Oscar G. *Antes que os demônios voltem*. São Paulo: Edições Loyola, p. 117-119; 391-447. 1989.

RABUSKE, Irineu J. – *Jesus Exorcista*: estudo exegético e hermenêutico de MC 3,20-30. Coleção Bíblia e História, São Paulo: Paulinas, 2001.

RITUALE ROMANUM, Vaticano, Typis Polyglottis, 1952, titulus XII. In SODI, M. – TONIOLO, A. (eds.). Città del Vaticano, 2008.

TENNEY, Merrill C (org). *Enciclopédia da bíblia*: Cultura Cristã. Volume 2 D-G. Digitalizado por: Reis book'. Tradução: equipe de colaboradores da Cultura Cristã – São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

ZAVALA, José Maria. *Así se vence al demônio*: hablan los poseídos, hablan los exorcistas. Espanha: Libroslibres, 2012.

WELLER, Philip T. *The Roman Ritual*. Whashington, D. C., USA: The Bruce Publishing Company, 1964.